

Gutman Uchôa de Mendonça

Escreve aos sábados e às terças-feiras neste espaço
Site: www.uchoademendonca.jor.br

/// A cidade reflete as pessoas que moram nela. Mas, infelizmente, parece que a sociedade, o eleitor, não se incomoda muito com sua cidade

A Vila Rubim

Amo Vitória, minha cidade e, confesso, fico penalizado quando vejo suas avenidas e ruas atulhadas de camelôs, de flanelinhas, como se essas figuras fossem donas das ruas, como se a cidade dependesse delas para sobreviver. As favelas são um contraste lastimável.

Há mais de 40 anos, quatro barracas de camelôs, imundas, se assentam no pé da escadaria Bárbara Lindenberg, do Palácio Anchieta, na Av. Jerônimo Monteiro, a parte mais nobre da cidade, num atestado eloquente das incapacidades administrativas que se sucedem. Dizem, os donos daquelas “arapucas” possuem decisão judicial garantindo suas permanências ali. Confesso, da nossa justiça, da justiça brasileira, espero que possa ocorrer tudo. Será que tal absurdo realmente existe?

Ocorrem nas nossas cidades, em Vitória, por exemplo, casos os mais absurdos, protagonizados por flanelinhas, inclusive roubos, assassinatos, tudo, devido à ne-



gligência das nossas autoridades, que não têm a necessária coragem para por fim a esse tipo de “profissão” inconsequente.

Sou frequentador da Vila Rubim, onde vou comprar comida para meus pássaros, meus beijos, o mel de abelha, o queijo coalho, os caranguejos. Reputo, a Vila Rubim é o recanto mais importante da cidade para fazer compras. É ali, talvez, o único lugar que encontro o pedaço de carne-seca que mais me agrada ou o camarão seco que em nenhuma outra parte da ilha existe.

Administrações municipais seguidas, imprudentes, permitiram que estacionamentos fossem transformados em assentamento de barracas para vender porcarias, menos verduras, alimentos diversos. Será que ninguém está vendo que aquela ocupação é irregular? A Vila Rubim merece tal descaso? O político vê tudo isso, mas imagina que os barraqueiros, os donos de estacionamentos, os camelôs, os flanelinhas, invasores diversos, são eleitores importantes, pode elegê-lo – puro engano!

A cidade reflete as pessoas que moram nela. Infelizmente estamos sujeitos a esses vícios da má política e, infelizmente, parece que a sociedade, o eleitor, não se incomoda muito com sua cidade.

José Carlos Corrêa

Escreve aos sábados neste espaço
E-mail: jccorrea@redgazeta.com.br

/// A punição dos responsáveis pela morte de Santiago poderia servir de exemplo para jovens que se deixam levar por pessoas mal-intencionadas

Morte anunciada

Era previsível que um dia alguém iria morrer vítima da violência que desvirtua as manifestações de rua no Brasil. Infiltrados entre os jovens idealistas, grupos organizados ou não, tenham o nome que tiverem, se armam com paus, pedras e bombas de todos os tipos para provocar a polícia. As provocações são as mais variadas, das cusparadas às pedradas, e quando não surtem o efeito desejado, seguem-se as depredações. A reação policial é inevitável e o confronto se alastra.

A lógica das manifestações é chamar a atenção da opinião pública, daí porque o trânsito é sempre interrompido. Como o protesto é “contra tudo o que aí está” – o aumento das tarifas dos ônibus, os gastos da Copa, o péssimo atendimento à saúde e, por mais paradoxal que possa parecer, a falta de segurança – só mesmo, como me disse uma jovem, “quebrando tudo”. Diante da dor de ter perdido o marido, Arlita Andrade, viúva do cinegrafista Santiago, resumiu o significado de tanta inconsequência: “Isso não leva a nada”.

O desabafo de Arlita diz respeito à violência que só resulta em mais violência. Por isso, era previsível que um dia uma das muitas vítimas de agressões

iria morrer no conflito. Poderia ser um dos manifestantes – que seria certamente transformado em mártir e em combustível para outras manifestações ainda mais violentas, com a solidariedade conivente de muitas das organizações ditas sociais – ou um dos policiais, e daí surgiriam reações ainda mais imprevisíveis.

A vítima, contudo, foi um profissional que estava no local trabalhando, alguém que não portava armas nem bombas, e sim prestava um serviço essencial: o de garantir o direito da sociedade de ser informada sobre o que se passava. Tomara que isto sirva, pelo menos, para mostrar aos insufladores dos protestos que as multidões são incontroláveis e que a violência, como disse Arlita, “não leva a nada”.

A punição dos responsáveis pela morte de Santiago poderia servir de exemplo para tantos jovens que se deixam levar por pessoas mal intencionadas que têm propósitos que transcendem aos expressos nas manifestações. São eles os radicais que pertencem a organizações que pregam a ideologia da desordem generalizada, como os black blocs, ou que servem a interesses políticos partidários de olho nas próximas eleições.

Há, ainda, um subproduto da onda de radicalismo que é a banalização das manifestações, responsável pela ocorrência diária de interrupções de trânsito que infernizam as cidades. É a sociedade ficando cada vez mais refém deste cenário de violência e intolerância, do qual Santiago é a mais recente vítima.

Jossyl Cesar Nader

É superintendente executivo do Centro de Integração Empresa Escola do ES

/// Todo esforço é recompensado: raros recrutadores resistem a uma redação bem-escrita

Escrever bem pode render um bom estágio

Arrisco a dizer que nunca os jovens escreveram tanto. A internet, com seus blogs, aplicativos e redes sociais, força a prática da escrita, o que infelizmente – para preocupação de professores e recrutadores – não implica necessariamente aprimoramento geral das redações ou desenvolvimento das habilidades de expressão e de argumentação. Ao contrário, há um consenso que o “internetês” contribui para o “desaprendizado”, agra-

vando as deficiências conhecidas e reconhecidas dos estudantes.

O processo, que começou com as reduções de palavras (“vc” em lugar de você), agora afeta acentuações (“naum” em lugar de não) e até dispensa a concatenação de ideias. Há bom tempo, a boa prática do idioma vem perdendo a batalha contra o “internetês” e demanda um esforço ainda maior dos educadores e das entidades compromete-

tidas, com a capacitação dos jovens para estimular o desenvolvimento de habilidade de expressão, fator tão valorizado nos processos seletivos e no avanço das carreiras.

Mestres renomados defendem que as escolas deveriam formar políglotas no seu próprio idioma. Por exemplo, a maneira como os estudantes se comunicam com seus colegas deve ser oposta àquela que ele usará para tratar de assuntos profissionais e isso nem sempre é muito claro. Vocabulário, construções de frases e de argumentos: tudo muda quando se transita do mundo pessoal para o universo corporativo.

Provavelmente boa parte dos estudantes, que por desconhecerem as posturas adequadas ao mundo do trabalho,

ignora também que um e-mail profissional deve ser escrito observando as normas ortográficas e gramaticais, em benefício da eficiência da comunicação. A situação se agrava diante do lamentável índice: a média de livros lidos por estudante é de 7,2/ano, dos quais 5/5 são didáticos ou indicados pelas escolas. E, todos sabem, só escreve bem quem cultiva o hábito da leitura.

Assim fica a indicação para os candidatos a estágios. Aprimorar os conhecimentos do idioma com atualização gramatical, muita leitura, produção de textos e redação empresarial é um dever, sem sair de casa, usando a internet. De resto, é treino e mais treino. Todo esforço é recompensado: raros recrutadores resistem a uma redação bem escrita.